

TEMPO DE REVER CLÉBER GOUVÊA

Na pintura / caixa,
germinam os sonhos.

Na caixa, a pintura
acolhe a natureza
guarda o tempo e
os segredos.

Por onde passou, seu olhar recolheu pedras moídas, leves e opacas, negras,
ocres amarelas: *luz*.

Libélulas de rendas, fios riscados, asas douradas: *forma*.

Fósseis de peixes foscos e frios, caracóis, prata, brancos e azuis: *relevo*.

Numa folha de papel, no quadrado, o grafite riscou sempre
uma reta, um corte, uma espiral, duas curvas: *símbolo*.

Na caixa memória, sonho e segredos do homem, magia do tempo: *natureza*.

Reapresentar obras de Cléber Gouvêa, sujeitando-as ao tempo, tem o objetivo de instigar novas pesquisas e reflexões conceituais e estéticas sobre a densa produção desse grande artista e de realizar uma amostragem de várias fases de sua pintura no decorrer dos anos 60, 70, 80 e 90. Pretende também despertar curiosidade e novos diálogos sobre os questionamentos, pensamentos e proposições estabelecidos por Cléber artista nos diversos momentos do seu percurso. Além disso, esses instantes de convívio e aproximação com seus trabalhos trarão um pouco de sua saudosa presença, de seu firme posicionamento diante da arte e da vida.

Na qualidade de curadora desta exposição, senti-me diante de um desafio: não sabia exatamente que obras encontraria nos acervos das instituições públicas e, principalmente, em que condições de conservação elas estariam. Há muito tempo não são expostas e nem todas elas constam dos catálogos dos museus. Refiro-me especificamente aos acervos do Museu de Arte Contemporânea de Goiás, do Museu de Arte de Goiânia e da Universidade Federal de Goiás. O que encontrei nas instituições em condição de ser exposto foi insuficiente para mostrar o percurso da produção de Cléber com suas especificidades. Busquei, então, em coleções particulares (de ex-marchands, amigos, colegas da faculdade e familiares), trabalhos que complementassem a curadoria e mostrassem a diversidade de linguagens, as abordagens temáticas e a sofisticação da pesquisa técnica e formal que o artista desenvolveu.

O conjunto de obras da exposição **Tempo de Rever** confirma um artista singular que construiu sua carreira sempre com muita liberdade e que não recuava diante da necessidade ou desejo de mudanças no seu trabalho. Em meados dos anos 60, Cléber rompeu com a tradição da pintura local de tendência figurativa e expressionista, dedicando-se às abstrações geométricas, às formas orgânicas bipartidas, amorfas e repletas de conteúdo simbólico. Mesmo provocando um impacto, essa nova abordagem trouxe reminiscências da fase anterior: fragmentos e referências da paisagem, acrescidos de relatos do seu cotidiano, de seus conflitos e de indignação com o momento político.

Contestador do termo “abstração” em relação à sua obra, Cléber, em depoimento ao crítico de arte Carlos Fernando Magalhães, publicado na *Revista Goiana de Artes* (v. 2, n. 2, jul./dez. 1981), assim se expressa:

[...] como exemplo, a “Caixa da Criação” – um útero visto pelo lado de dentro, sendo mais um sentimento que uma visão. Embora constituindo uma outra forma, a intenção [...] não fora abstrata. Noutro trabalho – “Da série massacres: os crânios” – , a ira a um certo crítico de arte é descarregada na concepção de um determinado simbolismo, ainda mais livre e violento em “A caída do verde”, visão agressora do movimento político brasileiro de 1964.

Nos anos 70 e 80 investiu em técnicas e pesquisa de linguagem, explorou texturas e relevos. Mergulhava na “cozinha” da pintura e aplicava materiais não convencionais para construir uma sofisticada plasticidade como recurso e suporte para um rico repertório imagético. As pesquisas arqueológicas e os mergulhos na topografia mostram formas e dobras subterrâneas, fósseis, caracóis, peixes dos rios do Centro-Oeste, arraias e insetos. Com requinte, Cléber elabora tramas e transparências, superfícies impregnadas de gestos. Desafia o espaço imitando a realidade com colagens e recursos materiais, explorando o brilho das folhas de ouro e dos grãos de areia. Segundo Grace de Freitas, no texto “Por uma vertigem do olhar”, publicado no livro *Arte hoje: o processo em Goiás visto por dentro* (São Paulo: Marco Zero, 1985),

o rompimento deste ano de 1985, no que se refere à obra do artista Cleber Gouvêa, não pressupõe uma ruptura em seu percurso figurativo. Ao contrário, se uma e outra de suas isotopias se remetem, precisamente, à geologia e à geometria (rígida ou sensível), este quadro, “Cadernos de geologia Minas Gerais”, anota e dá prosseguimento a este esteio de sua criação. Ciências do homem, o artista as configura em imagens que demonstram que tudo se constrói (e também se dissimula) na plasticidade.

Com rigor e sutileza de tons, apresenta a remota memória do homem. Atemporal e pessoal, constrói seu caminho inventivo e solitário, numa narração repleta de espiritualidade, de suas verdades, simbologias e encantamento. Intimista e isolado, fala das lembranças de infância, mas não se deixa seduzir por tendências de fáceis efeitos, por imposições ditadas pelo mercado de arte ou pelo próprio sistema de incluir, validar, dar credibilidade e visibilidade aos artistas.

Cléber chega aos anos 90 persistindo em pesquisas; deixa sempre claro seus objetivos na construção de uma pintura intuitiva, mas, ao mesmo tempo, densa, poética e enigmática. Essa pintura seduz e cria empatias com o olhar do observador. No texto “Objetos de luz”, incluído no catálogo de exposição da Casagrande Galeria de Arte, em 1997, Jacob Klintowitz afirmou:

A pintura de Cleber Gouvea é formada por três vertentes. A memorialística, fósseis, cotidiano, telas reutilizadas; a matéria cromática, com texturas, requintes orientais, reverberações cromáticas; e a mística, com os objetos transformados em votivos. Ocorre que estas fontes de magma ardente não estão separadas entre si, combinam-se e se transformam num único objeto, a pintura que é, neste caso, uma manifestação de certeza da mais elevada função da arte, a ampliação da consciência. O que se evidencia na ordem, na clareza, e na transformação do banal pigmento em estruturas simbólicas.

Dentre as principais características da composição de suas pinturas percebem-se: a racionalidade; o equilíbrio; o espaço sem regras de perspectiva, sempre no primeiro plano; as barras cromáticas que emolduram suas “cenas” e fecham os planos, tornando-se elemento integrador da composição – às vezes somente nas laterais e, em outras, nos planos inferiores e superiores das telas. São nessas metafóricas “caixas/pintura”, onde o fundo não é apenas suporte da narração, que se encontram guardadas suas preciosidades: as construções da memória em que se revelam os sentimentos.

Ao retomar, no final de sua vida, a paisagem como assunto, com a série “Serra Dourada”, Cléber faz-se fiel aos seus instintos, ao ímpeto de agir sempre e de recomeçar com total liberdade. Relevo e luz prata.

Selma Parreira
curadora
Abril de 2009.